

MADONA  
COM CASACO  
DE PELE

## PREFÁCIO

PUBLICADO NA TURQUIA EM 1943, o romance escrito por Sabahattin Ali, *Madona com casaco de pele* (*Kürk Mantolu Madonna*), levou décadas para chamar a atenção do grande público. Sua fama cresceu na base do boca a boca. Hoje, Raif Efêndi e Maria Puder são personagens conhecidíssimos em diversos idiomas, espécie de Romeu e Julieta contemporâneos e redescobertos. Porém, como o próprio Ali indica no livro, ambos são, na verdade, inspirados em figuras presentes nas obras de Turguêniev — *Klara Mílitich* (*Depois da morte*) — e de Jakob Wassermann — *Der nie geküsste Mund* (*A boca nunca beijada*).

Mestre do conto e excelente poeta do modernismo e do realismo turco, Ali acabou se tornando mundialmente conhecido por seus dois romances: *Madona com casaco de pele* e *Kuyucaklı Yusuf* (*Yusuf de Kuyucak*), responsáveis por um grande número de inovações no gênero escrito em língua turca. Entre as principais novidades estão a narrativa realista e a sofisticada construção psicológica dos personagens.

Progressista e socialista convicto, Ali também trouxe para dentro de sua obra literária as questões sociais de seu tempo. Seus textos são profundamente marcados pela turbulência que o autor enfrentou em vida: Primeira Guerra Mundial (1914–1919); Guerra da Independência Turca (1919–1923); mudança do Império Otomano em República da Turquia, em 1923, devido às reformas e às modernizações feitas por Kemal Atatürk; Segunda Guerra Mundial (1939–1945); perseguição política; e, por fim, censura.

Para Ali, arte e literatura eram capazes de produzir importantes transformações sociais. *Madona com casaco de pele* não

foge à regra. O romance, atualmente considerado um clássico moderno da literatura turca e mundial, apresenta a história do jovem Raif, morador ocasional de uma Berlim decadente e atolada na crise política e econômica dos anos 1920. Em suas longas caminhadas, busca se deparar com a alma encantadora das ruas da grande metrópole europeia. Encontra-a em um autorretrato, ao visitar aleatoriamente uma exposição realizada em uma galeria de arte da cidade, na imagem de uma bela mulher em seu casaco de pele. A tela e sua autora, a artista Maria Puder, transformam a vida do jovem turco, leitor de Turguêniev e Theodor Storm, retirando-o da solidão do mundo das ideias e atirando-o na realidade das relações pessoais.

Assim, Ali indica a literatura como uma transição do jovem turco para a vida adulta. Leitor voraz, o tímido e frágil Raif, ao mesmo tempo em que vai da pequena Havran para Istambul e de lá para Berlim, alterna suas leituras, que vão de Júlio Verne a Turguêniev. Nitidamente, conforme se transforma, ele também conquista a capacidade de se relacionar com uma mulher espetacular.

*Madona com casaco de pele* é, portanto, um romance realista do período entreguerras em Berlim, na caótica e já decadente República de Weimar. Como toda grande obra, a história de amor transcultural presente no texto de Sabahattin Ali é uma janela para um momento que marcou profundamente o mundo contemporâneo, atravessou décadas e segue assombrando nossos dias. Nele, a vida em uma sociedade polarizada e em constante crise — que desembocaria na ascensão do nazismo — é iluminada pelo encontro entre uma jovem extrovertida, assertiva, corajosa e independente e um homem tímido, inexperiente, hesitante, que vive da mesada enviada da Turquia pelo pai. Os dois constroem uma relação em que Maria está sempre um passo à frente de Raif, personagem que, por sua vez, torna-se mais maduro ao se



relacionar com essa mulher extraordinária, produto de uma Berlim dos anos 1920, sem, entretanto, alcançá-la em sua constante evolução, “nos meios onde ela flui”.

Essa relação, segundo o escritor turco Kaya Genç, é “a mais refinada forma de atração”. Atração sobre a qual fala a escritora Susan Sontag, em seu ensaio “Notes on ‘Camp’”, quando comenta que “o que há de mais belo em homens viris é algo feminino; e o que há de mais belo em uma mulher feminina é algo masculino”. Para Genç, esse conceito se aplica perfeitamente ao romance *Madona com casaco de pele*.

O encontro da encantadora jovem judia alemã, que não aceita ser submissa a ninguém, com um muçulmano tímido e medroso, que receia viver qualquer envolvimento amoroso para não sofrer depois, é construído magistralmente por Sabahattin Ali em meio ao cenário de uma sociedade dominada pela inflação, a carestia e o debate político polarizado. Uma Berlim em que muitos personagens se mostram, ao mesmo tempo, saudosistas e ansiosos pela chegada ao poder de um líder forte como o foi Bismark. Tal cenário dá ao livro uma atualidade impressionante, que reverbera hoje num contexto marcado pelo isolamento individual e o crescimento de forças políticas e sociais reacionárias. Sobretudo porque o caminho para o inevitável impasse dessa história de amor incorpora, de forma quase profética, a melancolia e o distanciamento dos nossos dias. A decadência ocidental da Berlim dos anos 1920 é apresentada aos leitores através dos olhos de um opaco e solitário jovem que se apaixona por seu oposto brilhante.

Também é imensa e comovedoramente atual a vida deste autor. Sabahattin Ali nasceu em 1907, na Bulgária, então parte do já decadente Império Turco-otomano. Tal como o personagem de seu livro, Ali passou dezoito meses em Berlim, cidade que deixou para ser tradutor e professor de alemão na província de Aydin, na

Turquia. Lá, foi condenado à prisão. Seu crime: envenenar a cabeça dos jovens estudantes com perigosas ideias revolucionárias.

Depois de libertado, mudou-se para a cidade de Konya, também na Turquia. Lá, acabou novamente preso. Dessa vez, seu crime foi recitar um poema no qual criticava Mustafa Kemal Atatürk (1888–1938), fundador da República Turca e então líder daquele país.

Ameaçado de não poder mais ensinar, Sabahattin acabou coagido a provar que não voltaria a criticar o governo. Por essa razão, viu-se obrigado a publicar um poema intitulado “Meu amor”, no qual tecia elogios ao líder turco.

Socialista e tachado de traidor do país, Sabahattin Ali seguiu, apesar das prisões, trabalhando em instituições do governo turco. Foi um dos fundadores da famosa revista *Marco Paşa* (ou *Markopaşa*), periódico de sátira política. Em 1948, foi preso mais uma vez. Ao deixar a prisão, já não conseguiu emprego como professor ou jornalista. Tornou-se vítima dos movimentos fascistas e anticomunistas da Turquia, que perseguiram aberta e violentamente os adversários políticos. Temendo que sua situação se tornasse ainda mais insustentável, Ali decidiu deixar o país. Com a ajuda de um amigo, arrumou emprego como motorista de caminhão.

É nesse período que Sabahattin Ali é assassinado. O contrabandista Ali Erketin assumiu o crime declarando ter espancado o autor de *Madona com casaco de pele* até a morte em uma região próxima à fronteira da Bulgária, em abril de 1948. Erketin forneceu vários detalhes sobre o assassinato, porém, apesar de ter confessado o crime, permaneceu apenas algumas semanas preso.

Hoje, acredita-se que Sabahattin morreu durante interrogatórios e sessões de tortura do Serviço de Segurança Nacional da Turquia. O corpo do autor e alguns dos itens que teriam pertencido a ele acabariam sendo encontrados em um local

próximo à região indicada por Erketin, porém seus restos mortais e seus pertences foram levados pelo governo turco para testagem e, até os dias atuais, a filha de Sabahattin, Filiz Ali, aguarda o retorno desses itens e o resultado das investigações. Ainda hoje, Sabahattin Ali não possui uma sepultura.

Nos últimos anos, depois de se tornar um *best-seller* na Turquia, tanto a história de Raif Efêndi e Maria Puder, como a terrível perseguição sofrida por Sabahattin Ali, ganham contornos cada vez mais nítidos de certa presciência sobre amor, separação e isolamento.

*Renato Roschel*  
*São Paulo, janeiro de 2021*

MADONA  
COM CASACO  
DE PELE



DE TODAS AS PESSOAS com quem topei na vida, ninguém causou maior impressão em mim do que Raif Efêndi. Meses já se passaram e ele ainda povoa meus pensamentos. Quando estou sentado sozinho, vejo seu rosto franco, o olhar distante, mas sempre disposto a saudar com um sorriso quem cruzasse seu caminho. Ele não era um homem extraordinário. Na verdade, era bem comum, sem qualquer traço especial, semelhante às centenas de outras pessoas com as quais nos deparamos e que deixamos de notar todos os dias. Não havia nada em sua vida, pública ou privada, que despertasse curiosidade. No fim das contas, era o tipo de indivíduo que nos leva a perguntar: “Com que propósito vive? O que espera da vida? Que lógica o impele a continuar respirando? Que filosofia o anima enquanto vagueia pela terra?”. Mas essas são perguntas vãs, se nos limitamos a olhar somente a superfície, se ignoramos que por baixo dela jaz outro reino, onde uma mente engaiolada se inquieta sozinha. É mais fácil, talvez, desconsiderar um homem em cujo rosto não há indicação de vida interior. E que lamentável é tal coisa: bastaria uma pequena dose de curiosidade para descobrirmos tesouros nunca suspeitados. Dito isso, raramente buscamos aquilo que não esperamos encontrar. Coloque um herói no antro de um dragão e sua tarefa será evidente. Há, no entanto, heróis de outra ordem: aqueles que têm a coragem de descer em um poço sobre o qual nada sabemos. Esse, com certeza, não foi o meu caso: conheci Raif Efêndi por pura coincidência.

Depois de perder meu modesto emprego em um banco — ainda ignoro a razão, disseram que se tratava de corte de gastos, mas uma semana depois já tinham contratado outra pessoa para ocupar meu posto —, passei um bom tempo à procura de trabalho em Ancara. Minhas escassas economias me sustentaram durante o



verão. Conforme o inverno se aproximava, eu sabia que os dias de dormir no sofá de amigos logo chegariam ao fim. Meu “cartão alimentação” se esgotaria em uma semana e eu não tinha nenhuma condição de renová-lo. Cada entrevista de emprego malsucedida exauria minhas esperanças, mesmo sabendo de antemão que as chances eram mínimas. Escondido dos amigos, eu ia de loja em loja em busca de emprego como vendedor. Após ser rejeitado por todas, perambulava desesperado pelas ruas durante a noite. Às vezes, amigos me convidavam para jantar, no entanto, mesmo na companhia deles, desfrutando de comida e bebida, não conseguia esquecer minha desgraça. E o que era mais estranho: quanto mais a situação piorava, quanto menos certeza eu tinha de estar vivo no dia seguinte, mais aumentavam minha vergonha e relutância em pedir ajuda. Quando encontrava um amigo na rua — alguém que no passado se animara a sugerir outros lugares para eu trabalhar —, passava rapidamente por ele, cabisbaixo. Eu não era mais o mesmo nem com amigos com os quais me sentia, anteriormente, à vontade para pedir alguma coisa para comer ou algum dinheiro emprestado. Quando me perguntavam como eu estava, dava um sorriso desajeitado e respondia: “Nada mal... Faço uns bicos aqui e ali”. E em seguida me retirava. Quanto mais precisava dos amigos, mais me esquivava deles.

Um fim de tarde, saí caminhando pela rua tranquila localizada entre a estação e a Sala de Exposições, aspirando as belezas do outono de Ancara, na esperança de que isso me animasse. O sol refletido nas janelas da Casa do Povo perfurava o prédio de mármore branco com buracos cor de sangue. Sobre as mudas das acácias e dos pinheiros pairava uma nuvem de fumaça que bem poderia ser poeira ou vapor, e um grupo de trabalhadores em andrajos, voltando de algum canteiro de obras, avançava curvado e em silêncio pelo asfalto com marcas de pneus... Tudo parecia contente por existir. Tudo estava em seu lugar. Pensei que não

havia mais nada a fazer. Nesse mesmo instante, um carro passou por mim. Olhando o motorista de relance, julguei reconhecê-lo. O carro parou um pouco mais adiante e a porta se abriu. Hamdi, um colega dos tempos de escola, pôs a cabeça para fora e me chamou.

Aproximei-me dele.

“Para onde você está indo?”, perguntou.

“Para lugar nenhum. Estou apenas dando uma volta.”

“Então entre! Vamos para a minha casa!”

Sem esperar por minha resposta, ele me fez entrar no carro. No caminho, Hamdi me explicou que estava voltando de uma série de visitas às fábricas que pertenciam à firma na qual trabalhava: “Já enviei um telegrama para casa avisando quando chegaria. Portanto, estão me esperando. Caso contrário, nunca teria ousado convidar você”.

Sorri.

Hamdi e eu costumávamos nos encontrar com certa frequência, mas desde que perdi o emprego não o vi mais. Eu sabia que ele estava ganhando bem como assistente do diretor numa firma que comercializava maquinários, e que também atuava no setor de silvicultura e madeira. Foi exatamente por isso que não o procurei depois de ficar desempregado: temi que ele pensasse que eu pediria dinheiro emprestado, e não um trabalho.

“Você ainda está no banco?”, perguntou.

“Não”, disse, “saí de lá”.

Ficou surpreso.

“E agora, onde você está trabalhando?”

“Estou desempregado”, respondi a contragosto.

Ele me olhou de cima a baixo, analisou minha roupa e minha aparência. Depois, para mostrar que não estava arrependido de ter me convidado para ir à sua casa, sorriu e me deu um tapinha cordial nas costas. “Não se preocupe! Vamos discutir isso à noite e encontraremos uma solução.”



Hamdi parecia confiante e satisfeito consigo mesmo. Afinal de contas, agora podia se dar ao luxo de ajudar os amigos. Que inveja!

Morava numa casa pequena, mas aconchegante. Sua esposa era simples e amável. Beijaram-se sem embaraço. Em seguida, Hamdi me deixou e foi se lavar.

Como meu amigo não me apresentara a sua mulher, fiquei em pé no meio da sala sem saber o que fazer. Enquanto isso, ela se demorava à porta, analisando-me furtivamente. Parecia estar pensando em algo. Talvez em me convidar para sentar. Por fim, acho que mudou de ideia e se afastou.

Eu me perguntava por que Hamdi tinha me deixado ali daquele jeito. Ele sempre foi muito atencioso com essas coisas — atencioso até demais. Acreditava que esse era um ingrediente necessário para o sucesso. Talvez esta seja uma característica das pessoas que alcançaram posições de importância: comportar-se de maneira deliberadamente desatenta na presença de velhos (e malsucedidos) amigos. Começar a utilizar um paternal e humilde “você” com quem até ali tratara por “senhor”. Sentir-se no direito de interromper um amigo no meio de uma fala para fazer-lhe uma pergunta desnecessária, muitas vezes acompanhada de um sorriso meigo e compassivo... Eu encontrara esse comportamento tantas vezes nos últimos dias que nem sequer me passou pela cabeça ficar zangando com Hamdi. Tudo que eu queria era me livrar daquela situação. Foi então que uma velha aldeã de avental branco, véu na cabeça e meias pretas remendadas entrou em silêncio trazendo café. Sentei-me em uma das poltronas — roxa, com flores bordadas com fios de prata — e olhei em volta. Na parede havia fotografias da família e de artistas de cinema. Na estante, que claramente pertencia à esposa, viam-se muitos romances baratos e revistas de moda. Embaixo de uma mesa de apoio havia uma pilha de álbuns que pareciam bastante folheados pelas visitas. Não sabendo o que fazer, peguei um deles, mas, antes de poder abri-lo, Hamdi

apareceu à porta. Enquanto penteava o cabelo molhado com uma mão, com a outra abotoava a camisa branca de colarinho aberto ao modo ocidental.

“E então?”, disse. “Conte-me as novidades!”

“Não tenho mais nada a dizer além do que já falei.”

Ele parecia contente por ter me encontrado; talvez por poder me mostrar a que nível havia chegado. Ou, ao olhar para mim, sentia-se feliz por não ser como eu. Quando um infortúnio aflige pessoas com quem já convivemos, costumamos sentir alívio, como se acreditássemos ter sido poupados e, ao nos convenceremos de que sofrem em nosso lugar, sentimos compaixão por essas pobres criaturas. Foi mais ou menos nesse tom que Hamdi me perguntou: “Você ainda escreve?”.

“Às vezes... poemas, histórias...”

“E há algum proveito nisso?”

Sorri de novo.

“Abandone essas coisas, meu amigo!”

Em seguida, disse em tom professoral que se eu quisesse ter êxito na vida deveria ser prático, e que ocupações inúteis como a literatura eram prejudiciais depois de concluídos os estudos. Falava comigo como se eu fosse uma criança, sem considerar a possibilidade de que eu pudesse ter algo a dizer. Também não se intimidou em deixar claro que seu êxito profissional lhe dera coragem. Fiquei ali sentado, com um sorriso que com certeza parecia muito tolo e que apenas contribuía para que ele se sentisse ainda mais confiante.

“Venha me ver amanhã de manhã”, disse. “Pensaremos em alguma coisa para você. Sei que é um rapaz inteligente. Era bastante preguiçoso também, mas isso não importa. A vida e a necessidade são as melhores professoras... Não esqueça... e chegue cedo!”



Hamdi, pelo jeito, tinha se esquecido completamente de que fora um dos garotos mais preguiçosos da escola. Ou então tomava essas liberdades porque sabia que eu não iria contradizê-lo abertamente.

Quando ele fez menção de levantar-se da cadeira, ergui-me num salto e estendi a mão, me despedindo.

“Com sua licença”, eu disse.

“Mas por quê? Ainda é cedo, meu amigo... Mas você é quem sabe.”

Só então me lembrei de que ele havia me convidado para jantar. Tinha me esquecido completamente. Mesmo assim, fui em direção à porta.

“Por favor, queira apresentar meus cumprimentos a sua esposa”, falei enquanto pegava o chapéu.

“Ah sim, sim. E não esqueça, venha me visitar amanhã! E até lá, não fique desanimado”, disse, e deu mais um tapinha nas minhas costas.

Já estava bem escuro quando eu saí. Os postes da rua estavam acesos. Respirei fundo. Havia poeira no ar, mas eu o sentia espetacularmente limpo e refrescante. Caminhei sem pressa para casa.

Na manhã do dia seguinte, fui ao escritório de Hamdi, embora não tivesse nenhuma intenção de fazê-lo ao sair de sua casa na noite anterior. Afinal, ele não fizera nenhuma proposta clara. Todas as pessoas às quais eu pedia ajuda se despediam com as mesmas palavras: “Vou pensar em alguma coisa e ver o que posso fazer por você”. Apesar disso, fui. E não era a esperança que me impelia, mas o desejo de ser insultado. Eu dizia para mim mesmo: “Ontem à noite, você ficou sentado quieto. Permitiu que ele agisse como seu benfeitor, não foi? Agora vá até o fim, por mais amargo que seja! É o que você merece!”.

O atendente me levou primeiro a uma pequena sala de espera. Quando entrei no escritório de Hamdi, senti, no rosto, o mesmo sorriso tolo e me odiei ainda mais por isso.

Hamdi estava ocupado com papéis empilhados diante dele na mesa, e com funcionários entrando e saindo de seu escritório. Com um aceno de cabeça me indicou uma cadeira e continuou a trabalhar. Eu, sem coragem de cumprimentá-lo, obedeci e fui me sentar. Minha confiança diminuiu a ponto de me deixar atordoado, como se ele fosse meu chefe de verdade; e eu, sinceramente, considerava esse tratamento normal. Que grande abismo se abria entre mim e meu antigo colega de escola desde o momento em que ele me convidara para entrar em seu carro, pouco mais de doze horas antes! Quão ridículos, quão absurdos, quão vazios são os motivos que regem as relações entre as pessoas, e especialmente quão pouco têm a ver com a verdadeira humanidade!

Nem Hamdi nem eu mudamos desde ontem à noite. Éramos quem éramos. Mas, depois de descobrir algumas coisas sobre nós, permitimos que esses mínimos detalhes nos desviassem para caminhos divergentes... O mais estranho de tudo foi nós dois aceitarmos essa mudança em nossa relação e até a considerarmos natural. Eu não estava zangado nem com Hamdi nem comigo mesmo. Simplesmente queria não estar ali.

Num momento em que o escritório ficou vazio, ele anunciou, erguendo a cabeça: “Achei um emprego para você!”. Em seguida, encarando-me com aqueles olhos intrépidos e expressivos, acrescentou: “Ou melhor, inventei um emprego para você! Não vai ser nada cansativo. Seu trabalho será acompanhar nossas transações com diversos bancos, especialmente com nosso próprio banco... Sua tarefa seria mais ou menos a de um articulador, um intermediário entre a empresa e os bancos... e, quando não tiver nada para fazer, pode cuidar das suas coisas... escrever quantos poemas quiser... Já falei com o diretor, vamos contratá-lo... só não



temos como lhe oferecer muito por enquanto: quarenta ou cinquenta liras. Mais adiante, podemos lhe dar um aumento, naturalmente. Então é isso! Ao sucesso!”.

Estendeu a mão sem se levantar. Retribuí o gesto e agradei. Seu rosto irradiava uma satisfação sincera por ter me feito aquela gentileza. Pensei então que, na verdade, ele não era um mau sujeito, apenas fazia o que sua posição requeria, e que talvez isso fosse realmente necessário. No entanto, por um momento, quando saí do seu escritório, senti-me tentado a abandonar aquele lugar imediatamente, em vez de ir até o local que ele me indicara. Mas acabei me arrastando, de cabeça baixa, pelo corredor, e perguntando ao primeiro funcionário que vi se poderia me mostrar onde ficava a sala do tradutor Raif Efêndi. Ele fez um gesto vago e seguiu em frente. De novo, me detive. Por que simplesmente não sumia dali? Seria incapaz de sacrificar um salário de quarenta liras? Tinha medo de ofender Hamdi? Não! Eu estava desempregado havia meses. Se fosse embora dali, sairia sem perspectivas, sem saber para onde ir... e totalmente desencorajado. Foram esses pensamentos que me mantiveram no corredor escuro à espera de outro funcionário que pudesse me ajudar.

Por fim, abri uma porta qualquer e vi Raif Efêndi lá dentro. Não o conhecia, mas ao ver um homem debruçado sobre a mesa deduzi que fosse ele. Mais tarde, eu me perguntei como havia chegado a tal conclusão. Hamdi dissera: “Providenciei para você uma mesa no escritório do nosso tradutor Raif Efêndi. É um homem de bom coração e muito quieto. Totalmente inofensivo”. Numa época em que todo mundo se tratava por “senhor” ou “senhora”, ele ainda era conhecido como Raif *Efêndi*. Talvez tenha sido a imagem evocada por essa descrição o que me levou a acreditar que aquele homem grisalho, de barba crescida e óculos de tartaruga, fosse ele. Entrei.

Ele ergueu a cabeça e olhou para mim com um ar distante. Perguntei: “Você deve ser Raif Efêndi, não?”.

Por um instante, ele me observou. Depois, com voz suave e quase medrosa, disse: “Sim. E o senhor deve ser o novo funcionário. Agora há pouco vieram instalar a sua mesa. Bem-vindo! Entre!”.

Sentei-me à minha mesa. Examinei os rabiscos e as leves manchas de tinta no tampo. Como é costume fazer quando se está sentado diante de um estranho, eu queria analisá-lo. Lancei olhares furtivos para formar minhas primeiras — e, obviamente, errôneas — impressões. Ele, no entanto, não tinha o mesmo desejo; simplesmente voltou a se debruçar sobre seu trabalho e prosseguiu como se eu não estivesse ali.

Foi assim até o meio-dia. A essa altura, eu já o olhava abertamente, sem medo. Tinha o cabelo cortado rente e começava a ficar calvo no topo da cabeça. A pele entre as orelhas pequenas e o pescoço estava bastante enrugada. Os dedos longos e finos vagavam de um documento para outro enquanto ele fazia suas traduções, sem nenhum sinal de impaciência. Às vezes erguia os olhos, como se procurasse a palavra exata, e, quando nossos olhares se encontravam, fazia uma expressão que lembrava um sorriso. Parecia velho quando visto de cima ou de lado, mas tinha uma inocência encantadora e infantil quando sorria. Seu bigode loiro aparado intensificava esse efeito.

Quando estava saindo para almoçar, eu o vi abrir uma gaveta de sua mesa e tirar uma marmita e um pedaço de pão envolto em papel. Desejei “bom apetite” e deixei o escritório.

Passamos dias sentados um diante do outro, mas pouco conversamos. Eu já conhecia alguns funcionários de outros departamentos, com os quais saía à noite para jogar gamão nos cafés. Foi por intermédio deles que fiquei sabendo que Raif Efêndi era um dos empregados mais antigos da empresa. Antes da



abertura da firma, atuava como tradutor no banco que agora pertencia a ela. Ninguém se lembrava de quando ele começara lá. Diziam que sua família era numerosa e que seu salário cobria apenas o básico. Quando perguntei por que não lhe davam um aumento, considerando que era um empregado antigo em uma firma que esbanjava dinheiro a torto e a direito, os jovens funcionários riram: “Porque ele é lerdo! Nem temos certeza se é bom mesmo em línguas!”. Mais tarde, descobri que seu alemão era excelente e suas traduções eram corretas e elegantes. Traduzia com facilidade uma carta sobre um maquinário de serraria, sobre peças avulsas ou então sobre as características das madeiras de freixo e de pinheiro provenientes do porto de Sušak, na Iugoslávia. Quando traduzia contratos e especificações do turco para o alemão, o diretor da empresa as despachava sem hesitar. Nas horas vagas, abria sua gaveta e lia o livro que mantinha ali, sem pressa e sem tirá-lo de lá. Um dia lhe perguntei: “O que é isso, Raif Bey?”. Ele enrubesceu como se tivesse sido apanhado fazendo algo errado e gaguejou: “Nada... é só um romance alemão”. E fechou a gaveta. Apesar disso, para os funcionários da firma era pouco provável que ele soubesse outras línguas. Talvez tivessem razão, pois não havia nada que sugerisse o domínio de outro idioma. Nenhuma palavra estrangeira jamais saiu de sua boca. Ele nunca mencionou nada a respeito, não andava com revistas ou jornais de outros países. Em suma, não era o tipo de homem que revela seus conhecimentos em francês. Para piorar, o fato de ele não pedir aumento de salário com base em seu conhecimento e de não procurar outro emprego que pagasse mais reforçava a opinião que tinham a seu respeito.

Todos os dias, chegava pontualmente ao trabalho, almoçava no escritório e, depois de comprar alguns mantimentos, voltava direto para casa. Eu o convidei algumas vezes para ir ao café comigo, mas ele nunca aceitou. “Estão me esperando em casa”, dizia. Ele deve ser um pai de família feliz, pensava eu, correndo

para se reunir com a esposa e os filhos em casa. Por fim, descobri que não era bem assim, mas relatarei tudo mais adiante. Seus muitos anos de trabalho árduo não impediram que fosse desprezado na firma. Se nosso amigo Hamdi achasse um minúsculo erro tipográfico nas traduções de Raif Efêndi, logo chamava o pobre homem. Às vezes vinha até nossa sala para repreendê-lo. Hamdi era sempre mais cauteloso com os outros funcionários. Ciente de que cada um deles devia seu emprego a conexões de família, não pretendia arrumar problemas. Porém ralhava com Raif Efêndi em um tom de voz alto o bastante para todo o prédio ouvir. Bastava que uma tradução estivesse algumas horas atrasada. Fazia isso porque sabia que Raif Efêndi nunca ousaria enfrentá-lo. Existe embriaguez mais doce do que exercer força e autoridade sobre alguém de sua própria espécie? Trata-se, contudo, de um prazer raro, que deve ser calculado cuidadosamente e usado somente com certo tipo de pessoa.

Raif Efêndi ocasionalmente caía doente e se ausentava do escritório. Na maioria das vezes era apenas um resfriado, mas um episódio de pleurisia alguns anos antes redobrou sua cautela. Bastava um leve resfriado para ele se trancar em casa. Quando voltava a sair, usava várias camadas de agasalho. No escritório, não deixava que abrissem as janelas e à noite se embrulhava até as orelhas em cachecóis. Não saía para a rua sem antes esticar ao máximo a aba do casaco grosso e um pouco puído. Mesmo quando estava doente, porém, não negligenciava o trabalho. Um contínuo entregava em sua casa todos os documentos que deveriam ser traduzidos e os recolhia algumas horas depois. Mesmo assim, sempre que Hamdi ou o diretor o admoestavam, era como se lhe dissessem: “Não esqueça a compaixão que temos por você! Apesar de suas constantes faltas em razão de doença, não o mandamos embora!”. Eles nunca perdiam a oportunidade de jogar isso na cara dele. Quando o pobre homem voltava, depois de uma ausência de

*image  
not  
available*



Hamdi berrando naquela mesma sala, não havia equívoco possível. A boca era um retângulo indescritivelmente vulgar, uivando com fúria animal. Nos olhos — duas linhas —, pude ver tanto o desejo de perfurar o objeto de sua raiva como a frustração de não poder fazê-lo. O nariz, cujas abas se expandiam de modo exagerado para as bochechas, conferia ao rosto um ar selvagem... Sim, ali estava o homem que adentrara enfurecido aquele recinto minutos antes, ou melhor, ali estava o esboço de sua alma. Mas não foi isso que me deixou atordoado. Desde que entrara naquela empresa, meses antes, eu lançara uma série de julgamentos sobre Hamdi. Às vezes tentava desculpá-lo, mas, na maior parte do tempo, eu o depreciava. Era incapaz de enxergar naquele homem a pessoa que passara tanto tempo sem ver. E, depois que Raif Efêndi o resumiu em traços tão bem-feitos, eu não conseguia mais ver Hamdi da mesma maneira. Além de sua expressão selvagem e primitiva, havia algo de patético nele. Eu nunca tinha visto o limite entre a crueldade e a ruína tão bem desenhado. Era como se, passados dez anos, eu tivesse acabado de conhecer meu amigo.

Ao mesmo tempo, e de chofre, pude, por meio daquele desenho, entender Raif Efêndi. Compreendi sua serenidade inabalável e sua estranha relutância em se relacionar com as pessoas. Como seria possível que um homem tão intimamente conhecedor de seu entorno, com observações tão precisas e claras sobre os outros, se zangasse ou se entusiasmasse? Que outra escolha teria um homem assim diante de tanta pequenez, senão permanecer firme como uma rocha? Nossas aflições, nossas decepções, nossos acessos de fúria... sucumbimos a eles quando algo inesperado nos acontece, quando alguma coisa não faz sentido. É possível abalar um homem que está pronto para tudo, e que sabe exatamente o que esperar das pessoas?

Mesmo assim, havia algo em Raif Efêndi que me intrigava. Passavam por minha cabeça várias contradições que o desenho não



*image  
not  
available*

Ao me ver observando o quarto, o dono da casa explicou: “Partilho este quarto com as crianças... elas fazem uma bagunça tremenda... É, na verdade, uma casa pequena, não cabemos todos nela”.

“Sua família é muito grande?”

“E como! Tem minha filha mais velha, que estuda no *lycée*. Tem a que você viu. Minha cunhada e o marido dela, além de dois cunhados. E minha cunhada tem dois filhos. Todos sabemos como é difícil achar moradia em Ancara. Se nos separássemos, seria impossível.”

Nesse momento a campainha tocou e, pela agitação e gritaria que se seguiu, deduzi que se tratava de outro membro da família que acabava de chegar. Alguns instantes depois, a porta do quarto se abriu. Entrou uma mulher de uns quarenta anos, rechonchuda e com cabelos curtos emoldurando o rosto. Ela se aproximou de Raif Efêndi, curvou-se e segredou-lhe alguma coisa ao ouvido. Sem responder, ele apontou na minha direção.

“Um amigo do escritório”, apresentou-me, e completou apontando para ela: “Minha esposa”.

Voltando-se para a mulher, ele disse: “Pegue no bolso da minha jaqueta!”.

Dessa vez ela não se curvou para segredar ao ouvido: “Nossa, eu não vim aqui pedir dinheiro! Quem vai comprar pão? Você ainda está na cama!”.

“Mande a Nurten! A padaria fica na esquina.”

“Você realmente espera que eu mande uma criança sair a esta hora da noite? Nesse frio... além disso, ela é menina... De todo jeito, mesmo que eu pedisse, você acha que ela me obedeceria?”

Raif Efêndi pensou um pouco, depois assentiu, como se tivesse achado a solução: “Ela vai, ela vai”, disse, e olhou fixamente para frente.

*image  
not  
available*



de leve com a cabeça como se tivesse acabado de dizer algo muito sábio. Quando alguém falava com ele, fixava o olhar na pessoa e sorria, como quem diz: “Que conversa é essa, hein? Até parece que você sabe do que está falando”.

Depois de concluir a escola técnica, por alguma razão ele fora mandado para a Itália com o objetivo de se especializar no comércio de couro, mas a única coisa que aprendera por lá fora um pouco de italiano e a se portar como pessoa importante. A isso acrescentara suas próprias ideias de como ser bem-sucedido na vida. Primeiro, via-se como alguém digno de uma alta posição e, portanto, de emitir opiniões sobre qualquer assunto, independentemente de saber muito ou pouco sobre o tema em questão. Ao criticar a todos, conseguia convencê-los de sua importância (acho que as crianças da casa adquiriram esse hábito do tio, a quem admiravam muito). Segundo, ele se vestia com muito esmero, barbeava-se todos os dias, passava a ferro sua calça puída à perfeição. Aos sábados, perambulava pelas lojas à procura dos sapatos mais chiques e das meias mais fantásticas. Pelo que descobri depois, gastava todo o seu salário em roupas para ele e para a esposa. Os cunhados, por sua vez, não ganhavam mais do que trinta e cinco liras cada, o que significava que todas as despesas domésticas recaíam sobre os ombros do nosso amigo Raif Efendi, com seu parco salário. Apesar disso, salvo o pobre velho, Nurettin Bey mandava em todos na casa. Eles viam Mihriye Hanım, esposa de Raif, com os mesmos olhos. Não tendo completado quarenta anos de idade, ela já era velha, gorda e deformada, com os seios caindo até o umbigo. Passava o dia inteiro na cozinha fazendo comida e, nas horas livres, cosendo pilhas e mais pilhas de meias e cuidando dos filhos malcriados da irmã. Ela não recebia ajuda dos outros, que acreditavam merecer mais do que ela podia oferecer; e havia cenas desagradáveis quando não gostavam da comida que ela preparava. Quando Nurettin Bey dizia, indignado:

*image  
not  
available*

desprezo daquelas pessoas com as quais não tinha nada em comum, como parecia não ver nada de errado nisso — eu sabia muito bem que pessoas que se sentem incompreendidas e julgadas erroneamente pelos que estão ao redor, com o tempo começam a sentir um prazer amargo e a orgulhar-se de sua solidão, mas nunca imaginei que uma pessoa pudesse gostar de ser desprezada.

Percebi, em várias ocasiões, que ele não era um homem indiferente aos seus próprios sentimentos. Ao contrário, sabia que ele era atento, detalhista, e que facilmente se melindrava. Ele olhava para as coisas diretamente, sem desvios, sem perder nada. Um dia, ao ouvir as filhas discutindo sobre quem deveria trazer meu café, ele não disse nada, mas dez dias depois, quando voltei à sua casa, Raif gritou para elas: “Não façam café! Ele não toma!”.

Ao impedir que o mesmo incidente se repetisse, ele me mostrou a que ponto ficara aborrecido com o episódio. Raif se abriu comigo e nossos laços se estreitaram.

Nossas conversas continuavam superficiais, mas isso já não me deixava intrigado. Passei a acreditar que podia existir prazer em permanecer em um silêncio paciente, apenas observando os vícios dos outros com compaixão e desfrutando de sua banalidade. Quando caminhávamos lado a lado, eu sentia mais intensamente sua humanidade. Foi então que comecei a entender que não é apenas por meio de palavras que as pessoas se procuram e se compreendem. Alguns poetas inclusive buscam companhia para, em silêncio, contemplar a beleza da natureza. Apesar de não saber bem o que estava aprendendo com aquele homem taciturno que caminhava ao meu lado, eu estava seguro de estar aprendendo muito mais com ele do que em anos com um professor.

Eu sentia que ele gostava da minha companhia. Já não era tímido e arredio, como com todo mundo e como fora comigo quando nos conhecemos. Havia dias, porém, em que uma coisa selvagem se manifestava: seus olhos se estreitavam, perdendo toda



*image  
not  
available*

volume máximo, e que a artista do bar sírio, moradora do quarto ao lado, cantava em árabe com voz estridente, enquanto se arrumava para trabalhar. Assim, dei meia-volta e caminhei pelo asfalto enlameado rumo a Keçiören. Dos dois lados da rua, havia apenas oficinas mecânicas e cafés em ruínas. Depois, na subida do cerro, começaram a aparecer casas à direita e, à esquerda, mais abaixo, jardins com árvores e folhas caídas. Levantei a gola do casaco. O vento estava úmido e intenso. Fui tomado por um desejo selvagem, que me acomete somente quando estou bêbado, de seguir caminhando e correr. Senti que podia fazer isso por horas, por dias até. Ignorava onde estava. Já havia andado bastante. O vento agora estava tão forte que pressionava meu peito. Eu sentia prazer em lutar contra ele para seguir adiante.

Então, de repente, me perguntei por que estava ali. Por nada... por nenhuma razão. Chegara àquele lugar sem planejar. As árvores dos dois lados da rua zuniam com o vento e as nuvens no céu corriam em grande velocidade. Ainda era possível avistar o penhasco escuro adiante, e as nuvens se arrastando em sua direção davam a impressão de deixar pedaços para trás. Cerrando os olhos, inspirei o ar úmido e voltei a me perguntar: por que fora até lá? O tempo ventoso estava semelhante ao da noite anterior, talvez até começasse a nevar. Na noite passada, outro homem estava ali, óculos embaciados, chapéu na mão e camisa aberta, andando apressado, quase correndo. O vento se embrenhava em seu cabelo curto, ralo, e quem sabe o quanto acalmava sua cabeça quente? O que havia na cabeça dele? O que arrastara aquela cabeça, aquele enfermo, aquele corpo envelhecido para estes lados? Eu tentava imaginar como Raif Efêndi caminhava naquela noite fria e escura, que expressão seu rosto adquiria. E então entendi por que me dirigira para aquele lugar: ali eu poderia entendê-lo melhor, entender o que se passava em sua cabeça. Mas só o que via era o vento prestes a levar meu chapéu, as árvores plangentes e as

*image  
not  
available*



Depois, virando-se para o marido: “Vamos mandar as roupas para lavar. Você poderia pedir a esse senhor para trazer sua toalha que está no escritório?”.

Raif Efêndi assentiu. Depois de procurar alguma coisa no armário, a mulher saiu do quarto. A leve melhora no doente dissipou suas preocupações. Ela voltou a ser como antes, ocupada com afazeres domésticos, refeições e roupas. Como todas as pessoas simples, transitava com facilidade entre a tristeza e a alegria, o entusiasmo e a calma, e, como todas as mulheres, esquecia-se rapidamente das coisas.

Nos olhos de Raif Efêndi eu podia ver um sorriso profundo e cheio de tristeza. Apontando com a cabeça a jaqueta pendurada aos pés da cama, ele me falou: “Tem uma chave no bolso direito. Pegue-a e abra a gaveta de cima da minha mesa no escritório. E traga a toalha que minha mulher pediu... Estou lhe dando muito trabalho, eu sei, mas...”.

“Não se preocupe, amanhã eu trago.”

De olhos fixos no teto, permaneceu um bom tempo em silêncio. Na sequência, de repente, virou-se para mim e disse: “Traga tudo que encontrar na gaveta... parece que minha mulher já sabe que eu não vou mais voltar ao escritório... meu destino é outro...”.

Disse isso e enfiou o rosto no travesseiro.

No dia seguinte, ao fim do expediente, fui até a mesa de Raif Efêndi. Havia três gavetas do lado direito. Primeiro abri as duas de baixo. Uma estava vazia; na outra, havia papéis e rascunhos de traduções. Ao enfiar a chave na fechadura da gaveta de cima, senti um calafrio. Me dei conta de que estava sentado na cadeira que Raif Efêndi ocupara por anos, fazendo o que ele fazia todos os dias repetidas vezes. Abri depressa a gaveta. Estava quase vazia. Havia apenas uma toalha usada, uma barra de sabão embrulhada numa folha de jornal, a tampa de um recipiente, um garfo e um canivete

*image  
not  
available*

Não li o que vinha em seguida. Raif Efêndi voltou a tirar o braço para fora da coberta, segurou minha mão e disse: “Não leia!”.

Apontando para o outro lado do quarto, sussurrou: “Jogue lá”.

Virei-me para olhar. Atrás de folhas de mica, vi as chamas vermelhas incandescentes de um braseiro de ferro.

“No braseiro?”

“Sim!”

Nesse momento, fiquei mais curioso ainda. Simplesmente não seria capaz de destruir com minhas próprias mãos o diário de Raif Efêndi.

“De que adiantaria, Raif Bey?”, argumentei. “Não seria uma pena? Por que queimar um caderno que lhe serviu por tanto tempo como amigo e companheiro?”

“Não serve mais para nada”, disse e apontou novamente na direção do braseiro. “Não serve mais!”

Percebi que eu não o faria mudar de ideia. Tive a impressão de que ele havia derramado a alma que escondera de todos naquelas páginas. Agora, queria levá-la consigo.

Olhei para aquele homem que não queria deixar nada de si para trás e que, mesmo avançando para a morte, desejava levar consigo sua solidão. E lhe desejei compaixão eterna. Minha ligação com ele também seria eterna.

“Entendo, Raif Bey!”, eu disse. “Sim, entendo muito bem. Você está certo em defender o que é seu. Você também está certo em querer destruir este diário... mas não poderia esperar um pouco, um dia apenas?”

Com os olhos, ele me perguntou por quê.

Para reforçar meu pedido, aproximei-me mais. Encarando-o, tentei expressar o amor e o afeto que sentia por ele.

“Você me deixaria ficar com esse diário somente uma noite? Já somos amigos há um bom tempo e você nunca me contou nada sobre você... Não acha natural que eu queira saber mais a seu



*image  
not  
available*

talvez até quinze... mas devo revisitá-los. Quem sabe se ao vagar por esses anos, percorrendo os temores originais e detalhes triviais, não consigo me livrar de sua influência? Talvez o que vou escrever não seja tão doloroso quanto o que vivi, talvez eu encontre algum alívio. Quando eu começar a perceber que várias coisas não foram nem tão simples nem tão complicadas quanto havia imaginado, talvez sinta vergonha de minha disposição...

Meu pai era de Havran. Eu também nasci, cresci e fiz meus estudos primários lá. Depois, continuei a estudar em Edremit, a uma hora de distância. No fim da Primeira Guerra Mundial, eu devia ter uns dezoito ou dezenove anos, fui convocado para o Exército, mas o armistício foi declarado antes de eu partir para o campo de treinamento. Voltei para minha cidade, continuei o colegial, mas não terminei os estudos. Na verdade, nunca tive paixão pela escola. O ano que fiquei fora e o caos desse período me tiraram o ânimo de estudar.

Após o armistício, toda ordem e todo equilíbrio se esvaneceram. Não havia um governo confiável, nem ideias ou ideais definidos. Alguns territórios haviam sido ocupados por forças estrangeiras e, de repente, diversas gangues surgiram, algumas abrindo novos *fronts* contra o inimigo, outras pilhando aldeias; um bandido era celebrado de boca em boca como herói um dia e, na semana seguinte, ficava-se sabendo que seu corpo estava pendurado na forca da praça do vilarejo de Konakönü, em Edremit. Em uma época como aquela, ficar trancado em casa lendo sobre a história otomana ou folheando tratados de ética não fazia muito sentido. Mas meu pai, que era considerado um dos homens mais ricos da cidade, insistia para que eu estudasse. Ao ver muitos colegas meus cingindo bandoleiras e carregando rifles Mauser nos ombros para se unir a grupos rebeldes, só para mais tarde serem mortos por forças inimigas ou por bandidos, ele começou a temer pelo meu futuro. Na verdade, eu não queria ficar ocioso e

*image  
not  
available*



dos negócios, com certeza será feliz e próspero!” Atingir esse sucesso nem sequer me passou pela cabeça...

Meu plano era aprender uma língua estrangeira e ler livros nessa língua e, mais importante, descobrir a “Europa” — conhecer as pessoas que encontrara só na literatura. Afinal, não foram elas que nutriram minha natureza rebelde e me atraíram para longe de casa?

Uma semana depois eu estava pronto. Viajei para a Alemanha em um trem que passava pela Bulgária. Eu só falava turco. Durante os quatro dias de viagem, memorizei três ou quatro frases que li em um guia de conversação. Assim, consegui encontrar o caminho para a pensão, cujo endereço anotara na minha agenda, ainda em Istambul.

Passei as primeiras semanas perambulando extasiado pelas ruas e aprendendo alemão para sobreviver. Essa sensação não durou muito. No fim, percebi que Berlim era apenas outra cidade. As ruas eram mais amplas, mais limpas e as pessoas mais loiras. Mas não havia nada naquela cidade capaz de me tirar o fôlego. Ao reconhecer tão pouco da Europa da minha imaginação, não tinha como compará-la com a cidade na qual me encontrava... Por fim, aprenderia que nada neste mundo se iguala às maravilhas que criamos em nossa mente.

Presumindo que eu não encontraria emprego enquanto não aprendesse a língua, comecei a ter aulas particulares com um ex-oficial que servira na Turquia e aprendera um pouco de turco durante a Primeira Guerra. A dona da pensão ficava ansiosa para ter uma folga em seus afazeres e conversar comigo, o que me ajudava muito. Os outros hóspedes achavam interessante fazer amizade com um turco e me confundiam com tantas perguntas. Eles formavam um grupo animado à mesa de jantar. Três hóspedes em particular se tornaram próximos: uma viúva holandesa chamada Frau van Tiedemann; um comerciante português

*image  
not  
available*

Àquela altura, já fazia quase um ano que eu estava na Alemanha. Era um dia escuro e chuvoso de novembro — lembro-me claramente —, e eu estava dando uma olhada no jornal quando dei com uma matéria sobre uma exposição de novos pintores. Na verdade, não entendia muito da nova geração. Talvez não gostasse desses pintores porque suas obras eram ousadas demais e faziam de tudo para atrair o olhar. Julgava de mau gosto essa forma de autopromoção, por isso nem cheguei a ler a matéria. Algumas horas depois, no entanto, estava fazendo meu passeio diário pela cidade quando me vi diante do prédio da exposição anunciada pelo jornal. Como não tinha nada urgente para fazer, aproveitei a oportunidade e entrei. Vaguei por um bom tempo, examinando as pinturas, grandes e pequenas, com certa indiferença.

Tive vontade de rir da maior parte daquelas obras: havia pessoas com joelhos e ombros cúbicos, cabeças e peitos com tamanhos desproporcionais e paisagens naturais representadas em cores chocantes, feitas de alguma coisa que parecia papel crepom. Vasos de cristal tão amorfos quanto pedaços de tijolos quebrados, flores sem vida como se tivessem sido pressionadas dentro de um livro durante anos. Finalmente, uma série de retratos medonhos que mais pareciam esboços de criminosos... mas o público estava se divertindo. Talvez eu devesse ter desprezado aqueles artistas por acharem que podiam alcançar a fama com tão pouco esforço. Mas ao pensar no prazer doentio que eles sentiam ao ser castigados e ridicularizados, eu só conseguia sentir pena deles.

De repente me detive diante da parede próxima à entrada da sala principal. Ainda hoje, passados todos esses anos, sou incapaz de descrever os sentimentos que me invadiram naquele instante. Recordo apenas de estar ali, em pé, petrificado diante do retrato de uma mulher com um casaco de pele. Outros visitantes, ansiosos para ver o resto da exposição, esbarravam em mim, mas eu não me movia. O que havia naquele retrato? Sei que palavras



*image  
not  
available*

tinha uma expressão de tamanha inocência que a obra ficava sem sentido. Nessas pinturas, ela parecia uma garota que olha para o bebê em seus braços, como se quisesse dizer: “Vocês viram? Viram a graça que Deus me concedeu?”, ou uma camareira que encara inexpressiva uma criança que colidiu com seu mundo, favor de um homem cujo nome não se pode pronunciar.

A Maria de Sarto não era assim. Ela aprendera a pensar, desenvolvera suas próprias ideias sobre a vida e começara a desdenhar o mundo. Não estava olhando para os santos ao seu lado, que a adoravam, nem para o Messias em seus braços. Não estava nem mesmo olhando para o céu, mas para o chão, e certamente via alguma coisa ali.

Deixei a pintura na mesa. Fechei os olhos e imaginei o quadro da exposição. Somente naquele instante me ocorreu que a pessoa representada nele existia de verdade. Mas é claro! Tratava-se de um autorretrato! O que significava que aquela mulher maravilhosa devia estar entre nós, passeando, os olhos negros e profundos fixos no chão ou na pessoa que passa por ela, prestes a dizer alguma coisa, o lábio inferior um pouco mais grosso que o superior... ela existia! Estava viva! Em qualquer lugar, a qualquer momento, eu podia esbarrar com ela... Esse pensamento produziu em mim um grande pavor. Para um homem inexperiente como eu, seria assustador me deparar com uma mulher assim pela primeira vez.

Apesar de estar com vinte e quatro anos, eu nunca tivera uma aventura com uma mulher. Em Havran houve umas e outras peripécias regadas a álcool e alguma libertinagem promovidas pelos rapazes mais velhos do bairro, que nunca consegui entender muito bem. Minha timidez natural me impediu de querer repetir esses episódios. As únicas mulheres que conhecia eram as criaturas que instigavam minha imaginação. Elas apareciam nas mil e uma aventuras que eu sonhava deitado debaixo das oliveiras em dias quentes de verão, longe de preocupações materiais. Todas tinham

*image  
not  
available*



Levantou-se e deu alguns passos. De repente, deu meia-volta e se aproximou de mim. Sua voz agora não se parecia em nada com a que eu ouvira até então, era séria, quase melancólica: “Você realmente gostaria de ter uma mãe como essa?”.

“Sim... gostaria, sim!”

“Ah...”

Virando as costas para mim, ela saiu andando. Levantei os olhos e a observei. Seu cabelo curto repicava na nuca, as mãos nos bolsos da jaqueta faziam o casaco ficar justo na cintura.

Surpreso ao pensar na mentira que havia enunciado em nossa primeira conversa, não ousei olhar ao redor, levantei-me depressa e fugi.

Eu me sentia vazio como se tivesse me separado abruptamente de um companheiro de viagem em quem passara a confiar. Sabia que não voltaria a pôr os pés naquela galeria. Pessoas que não sabiam absolutamente nada umas das outras haviam me enxotado de lá.

De volta à pensão, contemplei os dias maçantes que me esperavam. Todas as vezes em que me sentava à mesa para comer, tinha que ouvir pessoas da classe média reclamando da inflação que corroía suas fortunas ou seus planos mirabolantes para salvar a Alemanha. À noite, eu me trancava no quarto para ler histórias de Turguêniev ou Theodor Storm. Percebi como minha vida ganhara significado nas últimas duas semanas e também como era perder isso. Um fio de luz viera iluminar minha existência vazia e sem sentido com possibilidades que eu não ousava questionar. Mas, assim como viera, repentinamente e sem razão se esvaíra. Só agora eu entendia o que isso significava. Eu passara todos os meus dias, talvez incoscientemente ou sem confessar para mim mesmo, à procura de alguém. Por essa razão evitava os outros. Aquela pintura, mesmo que por um breve período, me convencera de que seria possível encontrá-la, e muito em breve. O quadro despertara

*image  
not  
available*

tempo. Perguntas delicadas eram respondidas com cautela, acalmando os ouvidos de quem estava disposto a acreditar. Por fim, escutei o som de passos e os sussurros desapareceram no corredor.

Assim que minha cabeça encostou no travesseiro, adormeci. Perto de amanhecer, tive um pesadelo em que a Madona com casaco de pele aparecia de diversas formas, sempre me torturando com um sorriso terrível e devastador. Eu tentava dizer alguma coisa, dar-lhe explicações, mas não conseguia. Aquele olhar penetrante paralisava as minhas mandíbulas. Ela apresentara seu veredicto. Não me restava nada a fazer, além de sofrer e me desesperar. Acordei antes do amanhecer. Minha cabeça doía. Acendi a luz e tentei ler um pouco, mas as linhas se embaralhavam diante dos meus olhos e em meio à névoa eu via dois olhos negros rindo da minha desgraça. Por mais que estivesse seguro de que o que vira na noite anterior não passava de imaginação, não conseguia me acalmar. Me troquei e saí. Era uma manhã fria e úmida em Berlim. Não havia ninguém na rua além dos meninos vendendo leite, manteiga e pãezinhos de casa em casa. Ao dobrar a esquina, vi policiais tentando arrancar os cartazes com dizeres revolucionários afixados nos muros na noite anterior. Beirando o canal, cheguei ao Tiergarten. Dois cisnes, imóveis feito brinquedos, deslizavam pelas águas tranquilas. Os prados do bosque e os bancos de madeira estavam molhados. Em um deles havia um jornal amassado e grampos de cabelo. Eles me fizeram lembrar da noite anterior. Frau van Tiedemann deve ter deixado cair seus grampos tanto na taverna como na rua, e agora provavelmente estava deitada relaxadamente ao lado de seu vizinho Herr Döppke, pensando que teria de voltar para seu quarto antes de a faxineira chegar.

Chegando à fábrica mais cedo do que de costume, cumprimentei calorosamente o guarda. Estava determinado a me



*image  
not  
available*

segundos depois, percebi que a rua ao redor dos meus pés estava iluminada.

Levantei lentamente a cabeça: não havia nenhuma mulher. Alguns passos à frente vi a porta cintilante do Atlantic, um cabaré bastante conhecido. O nome, escrito com lâmpadas azuis piscantes numa placa enorme, tinha como fundo o que parecia ser as ondas do mar. Na porta havia um homem de quase dois metros de altura usando um terno bordado e um chapéu vermelho. Ele me convidou a entrar. A mulher já devia estar lá dentro, pensei. Sem hesitar, me aproximei e perguntei: “Por acaso uma mulher com casaco de pele entrou agora há pouco?”.

O porteiro se aproximou ainda mais de mim. “Sim!”, disse, sorrindo.

Então pensei, será que ela é assídua deste lugar? O fato de que ela ia até ali sempre à mesma hora todas as noites indicava isso. Inspirei profundamente, mas com calma, tirei o casaco e entrei.

O salão estava lotado. No centro havia uma pista de dança e do outro lado uma orquestra. Junto às paredes, no alto, ficavam os camarotes reservados, muito discretos. A maioria tinha as cortinas fechadas. De vez em quando, casais saíam de lá para dançar. Depois voltavam e fechavam as cortinas. Fui até uma mesa que parecia estar desocupada, sentei e pedi uma cerveja. Meu coração já não palpitava. Olhei ao redor com calma. Esperava encontrá-la — a Madona com casaco de pele, a mulher que me tirara o sono por semanas — sentada numa das mesas ao lado de um casanova jovem ou velho. Assim que eu visse a mulher a quem dera tamanha importância oferecendo-se no mercado, estaria livre das minhas esperanças. Ela não estava em nenhuma das mesas. Provavelmente estava em um dos camarotes. Dei um sorriso amargo, sentindo-me frustrado por não ver as pessoas como elas realmente são. Embora já tivesse vinte e quatro anos, ainda não me livrara da ingenuidade da infância. Deixar-me levar e impressionar por uma simples

*image  
not  
available*



os olhos, mas de maneira clara. Naquele momento, eu soube que não estava enganado. Então ela sorriu. Um sorriso largo, aberto, inocente, genuíno. Sorriu para mim como se eu fosse um velho amigo... Depois de tocar por um tempo, fez um sinal com a cabeça e, despedindo-se com os olhos, seguiu para a próxima mesa.

Senti um desejo imenso de saltar de meu lugar, abraçá-la, beijar seus lábios e deixar as lágrimas correrem. Nunca fiquei tão feliz em toda a minha vida. Senti meu coração se abrir pela primeira vez. Como era possível uma pessoa deixar outra tão feliz sem nenhum esforço, sem fazer absolutamente nada? Um cumprimento amistoso e um sorriso inocente... e naquele instante eu não queria mais nada. Era o homem mais rico do mundo. Enquanto meus olhos a seguiam pelo salão, eu murmurava: “Obrigado... muito obrigado”. Agora sabia que havia visto a verdade naquele quadro. Ela era real, exatamente como eu a imaginara. Se não fosse assim, por acaso ela teria me reconhecido e me cumprimentado daquela maneira?

Então uma dúvida me invadiu: quem sabe ela me confundira com outra pessoa? Ou me cumprimentara por educação, reconhecendo vagamente meu semblante miserável da noite anterior, sem se lembrar de onde, exatamente? Porém não vi nenhuma dúvida em seus olhos, nenhuma busca hesitante em sua memória. Ela olhara para mim com muita confiança e depois sorrira. Não importavam suas intenções, com aquela aproximação ela me fizera o homem mais feliz do mundo. Fiquei sentado ali, com um sorriso impudente, de alguém satisfeito com a vida, observando tranquilo as pessoas ao meu redor e vendo a jovem se deslocar de um lado para outro no salão. Seu cabelo curto, escuro e ondulado caía sobre a nuca, seus braços nus balançavam e sua cintura oscilava suavemente para a direita e para a esquerda enquanto coleios ondeavam os músculos de suas costas.

*image  
not  
available*

eternidade... mas, naquele momento, não conseguia pensar em uma única palavra. Ela também estava com o olhar distante, o cotovelo direito apoiado na mesa e a mão esquecida casualmente sobre a toalha branca. As pontas estreitas de seus dedos longos, finos e curvados estavam vermelhas, como se estivessem geladas. Lembrei de como estava fria sua mão, que segurara pouco antes. Aproveitando a oportunidade, falei: “Suas mãos estão muito frias!”.

Ela respondeu sem hesitar: “Aqueça-as!”, e as estendeu para mim.

Olhei para o rosto dela. Seu olhar era vívido e determinado. Era como se ela não achasse nada extraordinário entregar suas mãos a um homem com quem conversava pela primeira vez. “Será que...?” De novo, minha mente começou a imaginar possibilidades improváveis. Então comecei a conversar, na esperança de expulsar esses pensamentos: “Desculpe-me por não a ter reconhecido na exposição”, eu disse. “É que você estava tão alegre... até zombou de mim! E, devo dizer, você não se parecia em nada com a mulher do quadro... seu cabelo curto, sua saia curta, o casaco apertado... E quando foi embora, andava aos saltos, como se estivesse correndo... Era difícil enxergar você naquele quadro sério, meditativo e até melancólico que os críticos denominaram “Madona”. Mas estou surpreso... Eu devia estar muito distraído.”

“Sim, bastante... Eu me lembro do primeiro dia em que você foi à exposição... Ia andando pela galeria, parecia entediado, mas de repente estacou diante do meu retrato. Olhava para ele de uma maneira tão estranha! Algumas pessoas até perceberam. Num primeiro momento, pensei que você devia estar me comparando com alguém que conhecia. Mas você começou a aparecer todos os dias. Então, naturalmente comecei a ficar curiosa. Algumas vezes eu me aproximava e parava ao seu lado. Ficávamos assim, olhando para o quadro. Mas você não me reconhecia, embora virasse o rosto de vez em quando para ver a espectadora desconhecida que



*image  
not  
available*

Ao ver meu espanto, ela perguntou: “Você não quer me acompanhar até minha casa?”.

Dei um pulo da cadeira na hora. Isso a fez sorrir.

“Não há pressa, meu amigo”, ela disse. “Ainda preciso trocar de roupa. Me espere na saída. Fico pronta em cinco minutos.”

Ela se levantou, arrumou o vestido com a mão direita e me deixou. Antes de desaparecer atrás da orquestra, virou-se e me olhou com aquele olhar fantástico. Piscou para mim como se já fôssemos amigos há quarenta anos.

Chamei o garçom e pedi a conta. De repente me senti à vontade, corajoso até. Quando vi o garçom parado na minha frente fazendo as contas, tive um desejo imenso de sorrir e dizer: “Não está vendo minha felicidade, seu tolo?”. Queria cumprimentar cada cliente no salão, até mesmo os músicos, e abraçar e beijar todo mundo como se fossem amigos de quem me havia separado muitos anos antes e que agora reencontrava.

Levantei-me e com passos largos, relaxados e confiantes subi aos pulos os poucos degraus que levavam à chapelaria. Embora dispensasse tais desperdícios, dei um marco à mulher que me devolveu o casaco. Do lado de fora, respirei fundo e olhei em volta. A luz da placa com o nome “ATLANTIC” acima de mim fora apagada. Eu já não conseguia ver nela as ondas do mar. O céu estava limpo e havia uma lasca de lua crescente no horizonte a oeste.

Ouvi uma voz atrás de mim: “Está esperando há muito tempo?”.

“Não, acabei de sair”, respondi, virando-me.

Ela estava de pé diante de mim, piscando, como se estivesse tentando se decidir. Por fim, disse: “Você parece mesmo ser uma boa pessoa”.

Nesse momento, porém, toda a minha coragem me abandonou. Mesmo desejando agradecer-lhe, segurar suas mãos e

*image  
not  
available*

Ela falava comigo do topo da escada, então eu tive que levantar a cabeça para vê-la. Porém, como estava escuro, não enxerguei nada. Esperei que ela continuasse a falar. Ainda com um leve riso na voz, ela se esforçou para ficar séria. “Então você está indo embora?”, perguntou.

Meu coração disparou. Dei um passo adiante. Será que eu ficaria feliz em ficar? Eu não sabia dizer. Mas, apesar da minha mente rejeitar a ideia, a esperança encontrou um caminho. “Devo ficar?”

Ela desceu dois degraus. Seu rosto estava agora iluminado pela luz da rua. Aqueles olhos negros pareciam irrequietos e curiosos. “Você ainda não entendeu por que chamei você de volta?”

Ah sim, entendi... e voltei para me lançar nos braços dela. Mas ao mesmo tempo fui invadido por um intenso sentimento de desolação, de confusão e até mesmo náusea. Enrubesci e olhei para baixo. Não, não! Eu não queria isso.

Ela acariciava meu rosto. “O que está acontecendo com você? Parece que quer chorar. Você precisa mesmo de uma mãe, não somente de uma irmã. Então me diga, você estava indo embora mesmo?”

“Sim!”

“Você não vai me procurar no Atlantic de novo... exatamente como combinamos, certo?”

“Sim, amanhã podemos nos ver durante o dia.”

“Onde?”

Olhei para ela com expressão tola. Eu não tinha me dado conta. Com voz lamuriosa, perguntei: “Foi por isso que você me chamou?”.

“Claro... você realmente não se parece em nada com os outros homens. A primeira coisa que os homens fazem é garantir o lado deles. Você não. Simplesmente vira as costas e vai embora. Saiba



*image  
not  
available*

só se manifesta quando encontra sua gêmea, quando deixa de ser necessário depender de nossa razão ou de nossas expectativas... Só então começamos a viver, a viver com nossa alma. Nossas hesitações, nossa vergonha são abandonadas nesse momento. Tudo pode ser superado quando duas almas se unem em um abraço. Assim, toda a minha inibição desapareceu. Eu queria desesperadamente entregar tudo àquela mulher, meu lado ruim e meu lado bom, o fraco e o forte, sem reter nada para mim mesmo. Queria desnudar minha alma. Tinha tanta coisa para dizer a ela... acho que mesmo se ficasse falando a vida inteira não daria conta... porque fiquei em silêncio a vida toda. Eu dizia para mim mesmo: “Que diferença vai fazer, se eu falar?”.

No passado eu me deixava influenciar facilmente por uma emoção e acabava concluindo, sem base alguma, que jamais encontraria uma pessoa capaz de me compreender. Agora, no entanto, estava tomado por uma certeza infalível: *ela* me compreenderia perfeitamente.

Caminhei devagar, circundando o lado sul do Tiergarten, e por fim cheguei a um canal. Era possível ver a casa de Maria Puder da ponte. Acabara de dar três horas. O sol iluminava as janelas: eu não conseguia ver ninguém atrás delas. Apoiei-me no corrimão e olhei para as águas paradas. Pouco depois, pingos de chuva agitaram a superfície da água. Bem mais adiante, uma barca a motor esvaziava frutas e verduras nos carrinhos de mão reunidos no píer. Folhas caíam das árvores alinhadas à beira do canal, fazendo espirais no ar. Quanta beleza naquele cenário turvo e melancólico! Que refrescante inspirar aquele ar úmido... Era assim que a vida deveria ser vivida: em harmonia com o movimento mais tênue da natureza, observando seu fluxo com lógica inabalável; encontrando regozijo em cada momento, sentindo, em cada um deles, uma vida inteira, ciente de que tais instantes se revelavam para mim como para mais